

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

8x1
C 92.569330

LITERATURA INFANTIL:
LINGUAGEM QUE INVERTE E CONTRARIA
AS NORMAS JÁ CRISTALIZADAS EM UMA SOCIEDADE

Roze dos Santos Nascimento Barros
VIII SEMESTRE

087.5
739772

mala

BIBLIOTECA	
UNE MAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6621
Data	31 / 01 / 02

PONTES E LACERDA, MT – Dezembro/ 2001

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO: LETRAS

LITERATURA INFANTIL:
LINGUAGEM QUE INVERTE E CONTRARIA
AS NORMAS JÁ CRISTALIZADAS EM UMA SOCIEDADE

Ensaio Monográfico desenvolvido no Estágio
Supervisionado de Língua Portuguesa, Língua
Inglês e Literatura do VIII semestre do Curso de
Letras da Universidade do Estado de Mato
Grosso, Campus Universitário de Pontes e
Lacerda.

Orientadora: Ediliane Gonçalves.

Dedico este trabalho ao meu esposo Mauro
Yoschino Barros e às minhas lindas e queridas filhas
Tatiane e Pâmela por terem entendido minha ausência e
meu nervosismo.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me consentido forças para realizar este trabalho.

Agradeço ao meu esposo por ter sempre me ajudado nos momentos mais difíceis.

Agradeço a minha orientadora Ediliane Gonçalves por me auxiliar nas dificuldades.

Agradeço todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram nesta jornada.

“A literatura infantil permite a criança sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações. Além disso, nos dá acesso a uma parte de herança cultural da humanidade, afinal, temos direitos a conhecer algumas histórias.”

(Ana Maria Machado)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA INFANTIL	09
UM POUCO SOBRE A ESTRUTURA POLÍTICA E SOCIAL NO BRASIL	12
CONHECENDO A AUTORA E AS SUAS OBRAS	18
LITERATURA INFANTIL: LINGUAGEM QUE INVERTE E CONTRARIA AS NORMAS JÁ CRISTALIZADAS EM UMA SOCIEDADE	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
BIBLIOGRAFIA	31

APRESENTAÇÃO

Para o último trabalho científico de graduação escolhemos fazer uma análise na área da literatura infantil, porque todos nós adultos de uma forma ou de outra tivemos contato com a literatura infantil.

O meu primeiro contato com a literatura não foi satisfatório, pois a grande dificuldade que encontrei não foi a pedagógica, mas sim a financeira, uma vez que meus pais não tinham condições para comprar os livros e a escola que estudei não tinha biblioteca.

Todavia, pude ouvir pelos meus pais algumas obras importantes como “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve”, “Os três Porquinhos”, entre outras. As quais aguçaram-me o gosto e o prazer da leitura. Foi muito legal porque pude viajar livremente no mundo da fantasia, por isso até hoje sinto saudades daqueles momentos agradáveis. Uma vez que nem imaginava que a literatura tivesse, algumas vezes ou em algum tempo, a função de aconselhar, reprimir ou persuadir arbitrariamente.

Durante o curso de Letras tivemos oportunidade de ler várias obras da literatura infantil, e isto só veio despertar ainda mais o interesse de realizar uma análise nesta área, pelo fascínio que livros dessa natureza despertam nas crianças.

De todas as obras que lemos as que chamaram mais a minha atenção foram as obras da autora Ana Maria Machado: “História meio ao contrário” e “Gente, bicho, planta: o mundo me encanta.”

Nestas duas obras a autora mostra-nos que as crianças também percebem as coisas quando caminham de forma errada. Nestas os problemas vêm narrados de forma humorística, talvez por isso acontece de maneira satisfatória. Pois é através do humor que a autora denuncia os problemas sociais e políticos vividos em nosso país.

Desta maneira, a autora nos dá abertura para refletirmos sobre a condição de viver em meio a normas que não são iguais e nem justas para todos. O rompimento das normas e dos padrões impostos em um contexto social, na vida do ser humano nem sempre tem uma resolução plausível ao povo, como acontece nas obras citadas.

A nossa pretensão vai no sentido de estabelecer uma relação entre as duas obras, focalizando: a questão social e a questão política.

Dessa forma podemos afirmar, que o objetivo é buscar como a autora trabalha esses problemas sociais e políticos, denunciando em uma linguagem simples e direta e dando voz à sociedade. Machado representa nestas obras. O cotidiano sofrido do povo, os momentos difíceis da situação política, enfim busca uma linguagem que inverte e contraria as normas já cristalizadas em uma sociedade.

Diante do nosso objetivo e do objeto em questão, cabe-nos agora apoiar na teoria da literatura infantil e da política, para darmos um aspecto científico a nossa pesquisa. A partir deste momento passamos a construir nosso quadro teórico pelo qual seguiremos na realização desta pesquisa, que servirá principalmente para aprofundar o conhecimento sobre a literatura infantil e visualizar como a autora trabalha a questão acima proposta, vendo o homem enquanto sujeito social, histórico e político.

Esperamos que esse estudo possa ampliar o conhecimento dos leitores nesta área, tendo em vista que a literatura infantil tem despertado interesse de muitos estudiosos, isto porque, um assunto desta natureza tem grande relevância no campo do desenvolvimento e da imaginação da criança.

REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil começa a delinear-se no século XVII com o francês Charles Perrault, que coleta contos e lendas da idade média como “Cinderela” e “Chapeuzinho Vermelho” e inicia os chamados contos de fadas; apesar da inúmeras contradições suas histórias tinham propósitos moralizantes de acordo com os interesses pedagógicos da época.

Já no Brasil, a literatura infantil teve relevância com Monteiro Lobato e sua notável obra “A Menina do Narizinho Arrebitado”. Com nova roupagem literária destaca-se com a criação de personagens importantes, os quais mostram a inquietude da sociedade diante da situação social, política e educacional, sempre com o objetivo de abafar a ignorância e os valores absolutos.

A literatura infantil sempre fez-se presente na vida da criança, seja com a finalidade de distrair ou alegrar. Desde pequena a criança tem contato oral com cantigas e versos que as encantam. Isto é fundamental porque estimula e prepara para o futuro quando esta entrar em contato com os livros infantis. Segundo Abramovich, *O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas.* (ABRAMOVICH, 1997:16)

Entendemos que a literatura tem desempenhado papel fundamental para entender a sociedade e sua complexidade. Ela possibilita o leitor ter uma visão de mundo ampla. É a partir da leitura que a criança vai adquirir um repertório de informações que dão possibilidades de escrita e melhor visão, impulsionando seu crescimento na sociedade e desta maneira ajudando-a em sua batalha futura entre ideal de vida e sistema social. Pois como afirma Candido:

(...) Além do conhecimento latente que provém das emoções e da visão de mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejado pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença revolta e adesão (...) (CANDIDO, 1995: 249)

A partir desses fatores, nota-se que a literatura infantil acompanha e auxilia o crescimento da criança rumo ao tão discutido processo de democratização, do qual fazemos parte.

A literatura infantil proporciona alegria e divertimento quando é lida sem qualquer compromisso, sem imposição. A criança que lê ou tem acesso a literatura oral deixa a imaginação fluir livremente, viajando no mundo da fantasia. Quando é dado esse tipo de oportunidade, a criança tem condições de romper os padrões pedagógicos, permitindo assim, a sua emancipação enquanto leitor, o seu crescimento individual e social. Segundo Zilberman isso fica evidente:

(...) quando se examina o universo da criança, verifica-se que o contato original dela com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagens visuais. O texto escrito lhe é imposto tão somente após a interferência e intermediação da escola. A partir de então, ela tem acesso as mesmas modalidades de cultura, podendo fazê-lo de modo autônomo, por liberar-se paulatinamente do adulto, senhor da voz que até então lhe transmitia o conhecimento. (ZILBERMAN, 1998:67)

Muitos autores criticam a forma que a literatura tem sido usada, pois a função pedagógica de dirigir e orientar a criança deixa-a presa, dominada. Isto é prejudicial. Eles observam que deve ser dada a criança a oportunidade para colocar sua própria interpretação com total liberdade, então a criança estará navegando e aprendendo através da arte literária.

Segundo Palo e Oliveira, o livro renasce a cada instante em que se vê em processo de leitura. Quando o leitor se identifica com uma história, mesmo que seja antiga, os críticos entendem então, que o verdadeiro sentido da literatura é alcançado de forma harmoniosa sem a imposição tradicional da pedagogia.

Com isso, os autores cada vez mais conseguem inovar a literatura estabelecendo uma relação de igualdade entre leitor e autor.

O leitor passa a se identificar com as personagens da história através da verossimilhança. Isto é muito importante porque possibilita à criança dar asas à imaginação com total liberdade e segundo Candido: *As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo. (CANDIDO, 1995:248)*

Desde as séries iniciais a literatura infantil desempenha papel importante na escola, pois possibilita a continuidade de aprendizagem da língua oral e o gosto pela escrita, ou seja, a criança se sentirá melhor motivada na aquisição e na aceitação da escrita como algo quase que natural. Como afirma Cademartori: *O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se processe uma relação ativa entre falante e língua. (CADEMARTORI, 1994:74)*

A literatura é importante para o desenvolvimento da imaginação, bem como da linguagem da criança, porque ela ajuda no processo da interação entre fala e língua, o qual é fundamental para a iniciação e a compreensão da escrita. Cademartori diz que: *O falante só se relaciona ativamente com sua língua através de uma interação afetiva e intelectual com o sistema lingüístico, em que língua e falante deixam de ser estáticos para redimensionarem-se pela ação recíproca.* (CADEMARTORI, 1994:84)

Cademartori, observa que na década de 60 houve certa preocupação em erradicar o analfabetismo, implantou-se o Mobral, mas não surtiu bons resultados porque muitos alunos mal aprendiam escrever o nome e também porque o campo cultural foi prejudicado com a repressão militar. Nessa época os autores sofreram com a censura, que obrigava-lhes calarem.

Na década de 70, implantou muitos programas educativos na TV dirigidos a alunos primários e secundários. Começa-se a trabalhar a literatura infantil nas escolas, porém sem a preocupação com a estética literária, fato que comprova a perda de qualidade da literatura em uso. Segundo Machado

Se o professor aproveitar Dom Casmurro para discutir com adolescentes a questão do ciúme e da possessividade, está trabalhando literatura, e ao mesmo tempo, questões éticas. Mas, se usa a história para perguntar qual o sujeito da oração, está empobrecendo algo tão rico, denso e cheio de significados. Nesse caso é um grande desperdício. (RAMALHO, 2001:22)

Do ponto de vista de Cademartori a literatura ficou sufocada pela moral imposta pela igreja, família, sistema governamental e questões pedagógicas. Os autores não tinham liberdade de expressão devido a preocupação de estar camuflando a realidade social. Por este motivo, a literatura era fechada e não oferecia ao leitor a possibilidade de interlocução e questionamento.

A partir do século XX, os autores começam a deixar de lado a predominância do didático na literatura infantil, começam a surgir as produções contemporâneas que permitem o reconhecimento desse tempo, como nas obras da autora Machado, criadas para retratar as inovações que essa literatura oferece.

UM POUCO SOBRE A ESTRUTURA POLÍTICA E SOCIAL NO BRASIL

Para a análise, faz-se necessário buscar um pouco da história política e social do Brasil. É importante saber como se deu o desenvolvimento político e social em nosso país ao longo dos anos, pois como sabemos, vem de um passado não muito bem sucedido quando observamos pelo lado social.

Dessa forma faremos aqui um levantamento dos fatos mais importantes a esse respeito. A partir da Revolução de 1930, que encerra a primeira fase da república e leva Getúlio Vargas ao poder, inaugura-se uma nova era no desenvolvimento econômico, social e político brasileiro, o povo terá à sua frente o homem que irá marcar a política brasileira durante quase um quarto de século. Vargas permanece no poder até 1945.

Nesse período o poder já não é controlado por uma única classe como ocorrera anteriormente, mas compartilhada por forças sociais bastante diversas, entre elas a burguesia industrial. Esta não teve nenhuma participação nos acontecimentos de 1930, mas o Estado após 1930, guiado por Vargas, desenvolveu uma política industrializante, que teve como consequência o fortalecimento dessa classe. Mesmo assim a burguesia industrial não tinha condições de impor seu domínio de forma tão estável e duradoura quanto nas primeiras décadas do século. As velhas classes agrárias, face a industrialização, já não podiam manter o domínio exclusivo sobre o Estado como antes, era o fim do poder supremo. Segundo Vita, *é nesse quadro de crise de hegemonia e de uma nova fisionomia do poder de Estado que se produziu o fato mais significativo da política e da sociedade brasileira nos últimos decênios a emergência das massas trabalhadoras no cenário político nacional.* (VITA, 1989:188) O povo começava a sentir a precisão de participar da política. Vale ressaltar que essa crise de hegemonia ocorreu entre as classes trabalhadoras urbanas, particularmente o operariado, que reivindicava aumento de salário e redução da jornada de trabalho que era considerada na época pelos governantes como “caso de polícia”.

Já o Estado comandado por Vargas favorece a classe trabalhadora, ele concede alguns direitos trabalhistas aos trabalhadores como: oito horas de jornada de trabalho e descanso semanal remunerado para os trabalhadores da indústria e do comércio, direito de férias para algumas categorias, entre outros, concretizando assim o anseio da sociedade. Com isso o

sindicalismo entra em nova fase e o movimento operário não é mais considerado “questão de polícia” e sim de negociação. Baseado nisso a luta dos sindicatos em defesa de melhores condições de trabalho começa a crescer no Brasil e com a atuação dos imigrantes europeus, que chegavam ao Brasil trazendo novas idéias fortalecia ainda mais essa classe.

Assim ex-tenentes comunistas, socialistas, líderes sindicais e liberais excluídos do poder criam no Rio de Janeiro ANL (Aliança Nacional Libertadora). Baseada nessa associação a ANL liderada pelo partido comunista brasileiro, cujo líder era Luís Carlos Prestes, aprova o programa de reformas sociais, econômicas e políticas, incluindo aumento de salário, proteção ao pequeno e médio empresário e defesa da liberdade pública.

Essa associação cresce rapidamente e a ela se junta democratas, operários e elementos das forças armadas. A intenção é derrubar o presidente Vargas e instalar um governo socialista. Com isso Vargas em 1937 dá seu próprio golpe de Estado, fecha o Congresso, suspende a realização de eleições e extingue os partidos políticos, aprovando uma nova constituição que ficou conhecida como “Polaca” por ser inspirada na Constituição do governo fascista da Polônia. Este período ficou conhecido como Estado Novo por trazer algumas modificações como: prorrogação do mandato presidencial para seis anos; proibição de qualquer tipo de greve, entre outros.

Em outubro de 1945, as forças armadas lideradas pelos generais Góis Monteiro e Dutra, cercam o palácio do governo e obrigam Vargas a renunciar. Em seu lugar assume o Ministro do Supremo Tribunal Federal José Linhares, que garantiu a realização das eleições, que foram vencidas por Dutra. Era o fim do Estado Novo.

(...) O golpe de Estado que o derruba está inspirado no descontentamento popular, mas também influenciado pelo imperialismo norte-americano, ao qual não agradava o sentido que vinha tomando o movimento pela restauração da democracia no Brasil (...) (IANNI, 1989;14)

De 1945 a 1964, vários líderes passam pelo poder, entre eles Getúlio Vargas que vence as eleições em 1950 e volta ao governo. Durante seu mandato cria o Banco de Desenvolvimento Econômico para incentivar a indústria, cria a Petrobrás, empresa estatal, para deter o monopólio de exploração de petróleo.

No plano trabalhista ajuda os assalariados prejudicados pela inflação aumentando em 100% o salário mínimo, conquistando assim a classe trabalhadora. Nessa época segundo VITA (1989), Vargas aparecia aos trabalhadores com duas faces diferentes: uma era a da repressão a seus movimentos rebeldes, outra, a do “pai dos pobres”, que “doou” aos trabalhadores os direitos trabalhistas e o sindicato.

Essa política de Vargas cria muitos inimigos poderosos, que se juntam para derrubar Vargas do poder. Começava se armar o pedido de sua renúncia, quando, surpreendendo a todos Vargas suicida-se em 24 de agosto de 1954.

De 1956 a 1961, o país é comandado por Jucelino Kubitschek, entre suas inúmeras realizações podemos citar as instalações de fábricas de automóveis, caminhões e tratores, produtos farmacêuticos, construção das hidrelétricas de Furnas e Três Marias. Mas sua obra maior foi a construção de Brasília, que é hoje a capital do Brasil.

Em 1961 o presidente Jânio Quadros ensaia o golpe de estado e acaba por ser obrigado a renunciar. Em seu lugar assume João Goulart, nessa época a situação econômica-financeira do país era péssima. A inflação que em 1962 atingira 52%, atingiu em 1963, 80% afetando muito a classe trabalhadora.

Tentando conter a crise, Goulart elaborou um programa que prejudicava os interesses dos grupos conservadores dominantes. Nesse período Goulart aproxima-se dos movimentos populares, estimulando as grandes manifestações que assustavam seus opositores. Ele promete aos trabalhadores grandes reformas de caráter agrária, no qual chegou a ser criado o Estatuto da Terra, que iria favorecer a classe trabalhadora rural. Mas a classe dominante com medo do povo tomar o poder, se une e faz um movimento contrário ao governo, que fica marcado na história como Golpe Militar.

Tal fato se concretiza na tomada do poder do Brasil pelas forças armadas no objetivo de conter o rumo democrático que se dava ao país através das organizações e pressão dos trabalhadores rurais e urbanos, a tensão cresce na presidência do poder político entre 1961/1964. O golpe militar destrói o governo e implanta o regime militar, Goulart é obrigado a abandonar o governo e se refugia no Uruguai, como exilado político. Finalizava assim a democracia que tinha iniciado em 1946.

Como se sabe, historicamente o Brasil viveu sobre o regime militar e durante este período as classes trabalhadoras sofreram grande repressão, uma vez que os governos eram formados por coronéis do exército que buscavam a inibição das organizações populares de modo geral, acelerando assim o processo centralizador do poder e da riqueza brasileira. Para isso faziam uso dos instrumentos que necessário fosse, inclusive torturas e violências, eles não conheciam limites para seu poder.

Neste sentido a determinação dos governos militares de tornar o Brasil uma “potência emergente” acelera o crescimento econômico do país que alcança excelentes índices, embora com grande sacrifício da população. É chamada a época do milagre econômico. Uma época de taxas baixas de inflação, na qual são feitos investimentos em infra-estrutura como:

rodovias, ferrovias, telecomunicações, usinas hidrelétricas e nucleares e muito mais. Tudo isso marca uma nova etapa na história política do Brasil. É um país definitivamente alinhado com o mundo capitalista, pelo qual se pauta sua economia, é de onde provêm os conceitos ideológicos que sustentam sua imagem. Isso determina até certo ponto, as condições de sua vida cultural, inclusive da literatura. E segundo Zilberman e Lajolo:

O processo de modernização da sociedade brasileira, que se deu através do estímulo ao crescimento industrial e a urbanização, beneficiou a cultura brasileira, na medida em que proporcionou condições de produção, circulação e consumo dos bens de que aquela se constituía. A literatura infantil também foi favorecida, já que a indústria de livros se solidificou e a escola, cujo resultado mais imediato é o acesso à leitura, se expandiu. (ZILBERMAN/LAJOLO, 1999:119)

É o auge do milagre econômico, mas a crise mundial do petróleo e a alta internacional dos juros faz o Brasil sofrer um grande impacto com destaque para a inflação e o crescimento da dívida externa, é importante lembrar que é nessa época, no auge da ditadura em 1969, que a autora Machado começou a escrever, época em que a repressão e a censura definiam o sistema e a ordem da vida brasileira. A própria autora afirma que o clima de repressão a influenciou a escrever.

Eu lecionava no Ensino Fundamental e larguei as aulas por causa da repressão. Escrever foi a maneira que encontrei de falar com gente jovem, não me proibiram de ensinar, mas me proibiram de dizer o que eu queria em sala de aula, o que é a mesma coisa. (RAMALHO, 2001:22)

A partir de então a transposição dessa temática para a linguagem da literatura infanto-juvenil no Brasil, realiza-se como uma forma de denunciar o poder arbitrário e ditatorial como modelo de governo. É neste momento histórico que surgem os nomes mais representativos da nossa literatura atual dirigida para crianças e jovens, como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Fernanda Lopes de Almeida e tantos outros que desfilaram seus textos pela década de 70 empunhando bandeiras de libertação.

Foi ainda no regime militar no governo do general Geisel que o país enfrenta a amarga crise do petróleo, a inflação e a evolução da dívida externa. Este governo enfrenta greves e movimentos pela redemocratização e no final de seu governo anula o AI-5¹, determinando a

¹ Ato Institucional que suspendia todas e quaisquer garantias constitucionais, dando ao presidente poderes absolutos sobre os destinos da Nação.

extinção da censura no Brasil. É diante desse cenário de crise, greves e movimentos que as obras “História meio ao contrário” e “Gente, bicho, planta: o mundo me encanta” são escritas, obras estas, que estão na linha social da narrativa infantil brasileira contemporânea mais renovadora, têm desenvolvimentos importantes, que as fazem debruçar-se, por exemplo, sobre a perda da identidade infantil, já que as histórias se internalizam nas personagens e as várias crises do mundo social são nelas retratadas. Nesta função segundo Zilberman:

(...) A literatura infantil contemporânea parece igualar-se com a não-infantil (...) soube incorporar de cada período certas marcas essenciais para dialogar com seu tempo. E chega a modernidade com a ambição maior de dialogar, em pé de igualdade com a literatura não-infantil.
(ZILBERMAN/LAJOLO, 1986)

De 1979 a 1985 o país é comandado por João Batista Figueiredo, os principais objetivos deste governo estavam contidos no Plano Nacional de Desenvolvimento, que se propunha a construir uma sociedade desenvolvida, livre, equilibrada e estável em benefício de todos os brasileiros.

Foi ainda nesse governo num movimento conhecido como Diretas-Já, que o país foi mobilizado de norte a sul em manifestações envolvendo milhares de pessoas para pressionar o congresso a aprovar a Constituição, para que o sucessor no governo fosse eleito pelo voto popular e direto.

Em 1985 Tancredo Neves foi eleito presidente do país por via indireta, mas não assumiu o cargo, pois veio a falecer, ficando em seu lugar o vice José Sarney que governou até 1990.

Durante seu governo começa o duro processo de redemocratização política do país que garante à população o direito de participação na vida política nacional.

Para enfrentar a inflação alta foram criados vários planos econômicos, que por algum tempo apresentaram bons resultados. Todavia com o passar do tempo as tentativas da redução da inflação foi fracassando. Com isso o governo entra em descrédito, a oposição ao governo cresce e quando foram realizadas as eleições diretas, que eram as primeiras para presidência desde 1964 Fernando Collor de Mello, apoiado pela direita e pela população mais pobre sai vencedor.

Visando organizar a economia nacional, o novo presidente determina duras medidas para conter a inflação. Porém essas medidas foram repugnadas pela sociedade, pois entre elas houve o bloqueio por 18 meses das aplicações financeiras e congelamento de preços e salários. Com isso logo nos primeiros meses o governo passou a sofrer a sua impopularidade e o país registrou uma inflação superior a 20%.

Em seguida surgem denúncias de corrupção em seu governo, fato que provocou o impeachment do presidente Collor.

Neste movimento surge grande participação da sociedade em busca de seus direitos, professores e estudantes vão para a rua de cara pintada protestando contra a corrupção, exigindo a renúncia de Collor, fato que não demora a acontecer. Vale ressaltar que foi a primeira vez na história do Brasil que o presidente, num governo democrático, teve seus direitos políticos suspensos por oito anos.

De 1994 até os dias atuais, o Brasil é comandado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. Um dos pontos fortes de sua campanha é ser conhecido como o idealizador do plano real. A moeda muda de cruzeiro real para real conseguindo finalmente derrotar a inflação de 50% ao mês para taxas civilizadas, tendo inclusive, em junho de 1998 se situado na faixa de 2,5% ao ano, consolidando a estabilidade monetária.

Em 1998 o presidente é reeleito com o apoio do Congresso e do Senado, mais tarde ele implanta o processo de privatização das grandes empresas estatais como: Vale do Rio Doce, Telebrás, Siderúrgica Tubarão e Centrais Elétricas, no maior programa do gênero desenvolvido no mundo.

São esses em forma sucinta, alguns dos principais acontecimentos políticos ocorridos no Brasil desde 1930.

Para finalizar é preciso lembrar, que cada governo tem seus prós e seus contras, nota-se que os ideais de alguns são prejudicados, mas por outro lado houve progresso, por exemplo a implantação da democracia, é claro, que a mesma está se realizando a passos lentos. Com a participação da sociedade organizada lutando por seus direitos, esperamos que nosso sonho se torne realidade, e que tenhamos realmente uma sociedade livre e justa.

CONHECENDO A AUTORA E AS SUAS OBRAS

Dentre os autores da nova geração, Ana Maria Machado é hoje uma das mais importantes. Nascida em 1941 no Rio de Janeiro, estudou pintura na sua cidade natal e em Nova Iorque. Depois de graduar-se em línguas românicas, concluiu seu doutorado em lingüística na escola de Hautes em Paris. Já foi professora e jornalista, hoje é autora de dezenas de livros. Escritora desde 1969 publicou mais de 90 livros para crianças e adultos. Suas obras são traduzidas em vários países da Europa e da América, além de ser uma das escritoras brasileiras mais premiadas, inclusive internacionalmente. Em 2000 recebeu pelo conjunto de sua obra o prêmio Nobel da Literatura Infantil. Entre suas inúmeras obras escolhemos para nossa análise “História meio ao contrário” e “Gente, bicho, planta: o mundo me encanta.”

A primeira diz: (...) *fim que é começo, ou melhor meio para uma história que não sabe definir onde é o seu começo.*

Nesta história, Machado se põe, logo no começo como a própria narradora e nos promete contar a história de um rei e sua família que viviam felizes em seu palácio, não tinha nada que os fizessem infelizes por muito tempo. Sempre conseguiam achar um meio de voltar ao normal, (...) *felizes para sempre* (...) até a descoberta da rotação do sistema – dia e noite – deixando-o furioso. Queria encontrar por qualquer lei quem roubou o sol e depois a lua. O seu Primeiro Ministro tentava fazer de tudo para não preocupar o rei, inventou até um monstro de um olho só, para encobrir a descoberta do rei.

Enquanto a obra “Gente, bicho, planta: o mundo me encanta”, gira em torno da natureza, na qual a autora procura despertar no leitor o interesse por esta causa, no sentido de nos conscientizar o quanto é importante preservar o mundo no qual vivemos. Relata questões como: a ambição e a destruição, a crise ecológica que se dá quando o homem começa a dominar a natureza. Dessa crise surge a dualidade entre equilíbrio e desequilíbrio da mesma, pois evidencia até a função de certos insetos para a reconstrução dessa natureza.

LITERATURA INFANTIL:
LINGUAGEM QUE INVERTE E CONTRARIA
AS NORMAS JÁ CRISTALIZADAS EM UMA SOCIEDADE

Como já definimos, voltamos a ressaltar, será nosso *corpus*, as obras “História meio ao contrário” e “Gente, bicho, planta: o mundo me encanta” de Ana Maria Machado.

“História meio ao contrário” deixa bem claro a diferença social, a sociedade como sistema e opressão. É uma história que repousa sobre a extravagância, uma realidade em nosso meio, porque vivemos num país capitalista, que apresenta desníveis econômicos, sociais e políticos. São poucos os que conseguem usufruir dessa sociedade. A grande maioria do povo é mantido em posição social de inferioridade e não tem possibilidade de participação política. Milhões de pessoas vivem em situação muito difícil, mal conseguem sobreviver.

Através dessa obra Machado propõe uma retomada da sociedade brasileira, talvez até mesmo uma inovação social e política para revelar a verdadeira face da política que existe em nosso país, como o rei da história: *Tudo isso é povo? Isso e muito mais, explicou o Primeiro Ministro. Todas as pessoas que trabalham no campo, na aldeia, nas casas do vale, tudo isso é povo.* (MACHADO, 1978:18)

Podemos observar que o rei, como a maioria dos políticos não enxerga as pessoas. O povo no geral é visto por eles como seres sem sentimento e sem dor, em outras palavras é visto como “coisas”, pois se quer sabem quem é o povo. O rei só ficou sabendo da existência do povo quando realmente precisou. E assim mesmo achava, o rei, que o povo era uma pessoa só e não muitas. (...) *Então chame o povo (...) Estou com tanta pressa que ele nem precisa escovar os dentes.* (MACHADO, 1978:17)

A obra na realidade é o avesso do que a classe política tenta transmitir à população. O povo é manipulado, seus governantes não sabem e não querem saber se o povo tem educação, alimentação ou assistência médica. O povo passa a existir somente na hora do voto, depois fica no esquecimento. A autora deixa bem claro uma crítica inflexível aos governantes, a irresponsabilidade com o povo, existem milhões de crianças, jovens e adultos que morrem por falta de moradia, com frio e com fome. Em nosso país temos como exemplo o povo nordestino que vive numa sociedade hipócrita, onde só os grandes tem total autonomia e poder de decisão. É o que podemos comprovar através da pesquisa realizada pelo “Mapa do Fim da Fome no Brasil” divulgada pela Fundação Getúlio Vargas em julho de 2001.

No Brasil, 50 milhões de pessoas, o correspondente a 29% da população, estão abaixo da linha de pobreza. Ou seja, tem uma renda mensal menor que R\$ 80,00. Os Estados nordestinos foram os que apresentaram maior índice de pobreza do país. O Maranhão é o Estado que apresenta a pior situação. Mais de 63% de sua população está abaixo dessa linha. (www.yahoo.com.br)

Diante deste quadro, podemos perceber que milhões de brasileiros vivem na miséria. Assim muitas famílias nordestinas para diminuir o sofrimento e a fome de seus filhos enfrentam filas para receber as cestas básicas oferecidas pelo governo. Já que é ele e seus seguidores que se apossam e esbanjam riquezas, os pobres apenas participam das migalhas, recebendo míseros sessenta reais para passar o mês. Vale ressaltar que esses programas de educação, merenda escolar, bolsa escola, são extremamente eficazes para combater a miséria no Brasil, mas está longe de acabar com a pobreza. O governo precisa investir nas crianças porque a infância é simplesmente o melhor investimento que um governo pode fazer. Porém os políticos nem sempre estão a serviço do povo, como na “História meio ao contrário” em que o canto dos pássaros aparece como orquestra real, à nobreza, toda mordomia da realeza sem nenhuma preocupação com o povo. (...) *Nunca sentiram a mudança do canto dos pássaros pelo dos grilos. — Grilos? Que é isso.* (MACHADO, 1978:15) O povo nordestino é a sociedade comparada aos grilos que gritam implorando justiça, mas seus gritos não são levados em conta, suas opiniões referente às questões de urgência social, econômicas e de direitos humanos que os afetam diretamente.

Os governos, como o próprio rei, não são capazes de enxergar que ao seu redor existem pessoas, que sentem e necessitam do mesmo que eles. Na verdade não existe quem não sofra com as consequências das decisões do governo, que são essencialmente políticas. E na sociedade em que vivemos hoje é a classe dominante que fala e age por toda a sociedade, enquanto a classe pobre é condicionada a fazer o que a elite quer sem nenhuma liberdade de expressão ou ação.

Ao longo da história da humanidade sempre existiu e ainda persiste o preconceito do pobre e o rico. Como podemos ver na obra, o rei não importava se seus súditos iam ter noite para descansar de seus trabalhos pesados. *A gente só sabe mesmo é trabalhar (...) e cada um tratou de ir para sua casa, aproveitar o escuro e dormir um pouco.* (MACHADO, 1978:24)

Observamos que para o rei só importava o seu mundo, só enxergava o que lhe convinha, jamais via os trabalhadores, pois vivia trancado em seu palácio, sem dar o menor valor às coisas simples da vida, porque não tinha interesse. Podemos perceber quando nos é relatado que eles eram felizes, não tinham problemas, pois o que acontecia eles procuravam

resolver, viviam envolvidos somente com os seus problemas, não pensavam em mais ninguém. — *Como é que eu não soube disso? está bem, você já explicou. Eu e minha família nunca vamos lá fora a essa hora, e não vemos. Mas alguém podia ter me contado, não?* (MACHADO, 1978:16).

Com isso podemos dizer o quanto o rei é indiferente a tudo que acontecia ao seu redor, ignorava por completo as pessoas e a própria realidade. Como anteriormente quando o mesmo desconhecia a palavra **povo**, hoje podemos comparar com a falta de importância que nossos governantes dão à população, sem reconhecer que é necessário uma grande união para conseguirmos êxito nos ideais, pois a maior força que eles tem nas mãos é o povo. Povo este capaz de confrontar, transformar e idealizar projetos. Mas eles não querem pensar nisso e cada vez mais, para poder competir com os outros que pensam igual a eles, tornam-se insensíveis e por isso não percebem nem respeitam as necessidades, os sentimentos, direitos e sofrimentos alheios. — *Então grita no ouvido dele, liga um despertador, joga água, faz qualquer coisa. Mas diga ao povo para acordar, pular da cama, calçar os sapatos e vir correndo para cá falar comigo.* (MACHADO, 1978:17).

Em nosso país está faltando dignidade e respeito para com o povo, povo esse que luta com perseverança para uma vida melhor. Mas o que encontra é a falta de emprego causada pela falta de vontade política das lideranças e negligência diante do dever, em que os governos muitas vezes não dão atenção à parte social, não empregando recursos para gerar novos empregos na indústria e no campo, como na obra “Gente, bicho, planta” em que os trabalhadores são mandados embora por falta de trabalho.

(...) O gado ia emagrecendo, o povo ia adoecendo, tudo ruim acontecendo, de repente melhorava. E a pobreza acabava. Mas nunca ficava bem. Nem ficava mal também (...) Pouco dinheiro pouco trabalho (...) os fazendeiros mandavam embora os empregados. E os homens iam procurar trabalho na cidade. (MACHADO, 1984:03)

Diante deste contexto podemos perceber que apesar de todas as lutas, grande parte da população do nosso país não tem acesso aos alimentos necessários para uma vida saudável, não tem nem mesmo trabalho e quando trabalha, recebe salários com os quais sobrevivem com muitas dificuldades. E na busca de melhores condições de vida, muitos mudam do campo para cidade, mas os seus problemas, ao invés de diminuir, quase sempre aumentam, passando a viver em favelas, cortiços, embaixo de pontes e viadutos, nas praças e ruas. A desigualdade social ao invés de diminuir cresce, os ricos ficam sempre mais ricos e os pobres sempre mais pobres, em estado de miséria absoluta. Diante desse quadro assustador, Candido afirma:

(...) Com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grande massas que condenamos à miséria: em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. (CANDIDO, 1995:235)

Outro aspecto que também provoca o desemprego é o desenvolvimento tecnológico, onde as máquinas estão substituindo o trabalho do homem, as pessoas não encontram vagas no mercado de trabalho e até mesmo os que já estão trabalhando estão sendo dispensados. Os grandes empresários não estão preocupados com os problemas sociais que isto tem causado. E como vimos acima, no nosso país a situação atual é crítica e desesperadora, milhares de pessoas são jogadas num mundo de fome e de miséria. Como mostra claramente a obra, enquanto o rei preocupava-se em satisfazer-se querendo o sol o tempo todo, só se preocupando com sua felicidade sem se preocupar com seu reino que era sua obrigação “espelho de nossos políticos”. O povo se preocupava em ter o dia e a noite, a noite para molhar e refrescar seus plantios e ter uma boa colheita, o dia para cuidar de suas ovelhas para ter o que vestir. Vejamos o trecho da obra:

- *Isso mesmo! – apoiou o Ferreiro. Se ele não carregasse o sol todo dia, garanto que nós íamos ter que trabalhar sem parar, sem poder ir dormir, sem descansar.*
- *E se ele não esfriasse os montes e não trouxesse a neblina para o vale, os carneirinhos não iam precisar se esquentar e não iam ter tanta lã lembrou a Pastora.*
- *E se ele não ninasse as plantas e o dia ficasse fazendo sol o tempo todo, as colheitas acabariam secas e queimadas, ninguém ia ter o que comer concordou o Camponês.*
- *E o linho e o algodão não cresceriam. Sem eles e sem a lã, como eu ia tecer os panos para nós vestirmos? Perguntou a Tecelã. (MACHADO1978:25)*

No fragmento acima podemos constatar que são introduzidas figuras oriundas das camadas inferiores, como a Tecelã, o Carpinteiro, o Ferreiro e trabalhadores do campo, como a Pastora, o Vaqueiro e o Camponês. Na obra “Gente, bicho, planta” também são incluídas as personagens do campo, como os empregados, os caçadores e os criadores de ovelhas. Personagens que constituem o povo. Todos saem em busca de seus direitos com o objetivo de ajudar o Dragão Negro. Podemos comparar com o movimento dos camponeses que também

saem em busca de seus direitos, com o objetivo de conquistar a terra, a reforma agrária e uma sociedade mais justa para que todos possam ter os mesmos direitos. É graças a esses movimentos que se estrutura o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, hoje o MST, que conseguiu revolucionar a estrutura agrária brasileira se colocando como o maior movimento de massa que já existiu na América Latina em termos de força e organização popular. Vejamos um exemplo da obra em que mostra essa corrente de união e força por parte dos camponeses.

— *Hoje nosso trabalho é outro. Tão importante como o trabalho de todo o dia. Não faz mal parar de trabalhar aqui uma tarde porque é para ajudar toda a vida da gente (...) Se não formos todos juntos e não gritarmos bem forte e bem alto, não adianta nada (...) Naquela tarde, a aldeia ficou deserta (...)* (MACHADO, 1978:27)

Nas duas obras são citadas as distinções sociais e ao mesmo tempo a dependência das duas classes. *Voando de flor em flor o pólen ele ia levando. Esse pólen que levava em outra flor se misturava.* (MACHADO, 1984:10). Isso quer dizer que na sociedade todos estão ligados e são dependentes uns dos outros. Podemos citar como exemplo a época das eleições em que os políticos se misturam com o povo, porque eles dependem do voto, se não fosse o povo, “os pobres”, para votar eles não se elegiam. E como a maioria do povo brasileiro é formado por pessoas pacíficas, que se contentam com o pouco que têm, nada fazem para mudar esta realidade, isso porque é o caçador, o vaqueiro, a tecelã e muitos outros que citamos anteriormente, que fazem parte do “povão” e elegem esses corruptos, e quando estão lá no topo não enxergam aqueles que os elegeram. Como o rei que não vê o reino, nos remete a conclusão de que a noite não veio para que o rei deixasse de ver o povo, mas ao contrário, a noite veio para que o povo descansasse e não visse o que estava acontecendo no palácio real. Assim como as injustiças que vivemos nos dias de hoje acreditando que nada podemos fazer para mudar a realidade do nosso país, mas se houvesse união por parte de todos, o mundo seria bem diferente, seria como afirma Lago (um dos integrantes do movimento ecológico – Antônio Lago faz mestrado em Ciência Política e acompanha experiências práticas do movimento ecológico no Brasil e na Europa):

(...) Não queremos um mundo árido e fétido, mas sim um mundo com ar limpo, águas claras, terra negra e fértil, animais abundantes e variados. Queremos um mundo vivo, um mundo são, e também porque não? Um mundo belo. (LAGO, 1984:12)

Este é o mundo com o qual todos nós sonhamos, um mundo maravilhoso. No entanto nossa realidade é outra, vivemos tempos difíceis: crise, desemprego, fome, doenças, terremotos, violência, guerra. No mundo em que vivemos ninguém está seguro, um exemplo é o que está acontecendo hoje no país mais desenvolvido do mundo, se achava indestrutível, superior e super-potente, mas que de repente foi atacado, destruindo o que eles consideravam símbolo do mundo capitalista: as torres gêmeas “World Trade Center”, que veio a desabar matando milhares de seres humanos. Todos nós estamos com medo de uma possível guerra, mas talvez essa guerra já exista nos países arrasados pela pobreza, pelas diferenças culturais, sociais e políticas. *Tratados como pacotes em seu próprio país cerca de 23 milhões de nordestinos ainda são obrigados, em pleno século XXI, a se deslocar continuamente dentro do Brasil para escapar da fome e da miséria.* (www.yahoo.com.br)

O Brasil vive uma crise econômica e social. A economia está estagnada. Os serviços públicos sucateados, falta escola e saúde para o povo. Há um agravamento da pobreza dos brasileiros. E o desemprego nunca foi tão alto em toda a história do Brasil. Enfim o povo está pagando com mais sacrifícios. Como na obra “Gente, bicho, planta”, na qual os criadores de ovelhas destoem seu próprio meio de sobrevivência, causando o desemprego e a fome. *Sem pasto como é que as ovelhas comem? Os rebanhos começaram a diminuir e se acabar, de fome* (MACHADO, 1984:17). Com isso quem acaba pagando como sempre é o povo que nada tem a ver com a falta de ética de políticos e pessoas ambiciosas. Na “Historia meio ao contrário”, podemos comparar também o rei como sendo uma figura ambiciosa e autoritária por ser representante superior do reinado. *Gritava o Rei. Eu sou o Rei de vocês! O Rei! O Rei!* (MACHADO, 1978:18 Isso nos remete ao nosso passado histórico e político, que como sabemos, foi ao longo do tempo linear, ou seja, sistema no qual até mudou o nome do domínio como o da Velha República que passou para República Nova, República Contemporânea, Estado Democrático e outros. Porém não mudou a forma de domínio. *Eu sou o Rei de vocês*, está notável os vestígios da ditadura militar, a presença da dominação, própria do discurso político.

Assim como já falamos sobre os problemas sociais, é necessário ressaltar que há a influência de fatores culturais da época em que as obras foram produzidas. Pelo século XX o mundo passava por transformações como o “milagre econômico”, a expansão das indústrias e o crescimento do mercado interno, ambos incentivados por uma política econômica e cultural posta em prática pelos governos instaurados pelo golpe de 64 e que está ligado com o projeto político e econômico que, a partir de então, o país se propõe a cumprir.

Nesse aspecto a literatura infantil se atualiza e alguns editores retomam a tradição

lobatiana, investem na literatura infantil, que passa a auxiliar a pedagogia e valorizar a infância, as pessoas passam a visar uma nova noção de família preocupadas em preservar a intimidade dentro de seu lar, garantindo assim, a união familiar, ou seja, passa a existir pai, mãe e filho que antes não havia.

Assim a criança passa a ter seu próprio espaço dentro da sociedade, mas uma sociedade que procura moldar essa criança a seu modo, a criança passa a ser o que a sociedade quer que ela seja. A partir de então a literatura infantil acompanha e auxilia o crescimento da criança rumo ao tão discutido processo de democratização, do qual fazemos parte. A formação da criança como leitor passa a estar ligada às obras literárias dentro ou fora da escola e como afirma Machado *Ler é muito gostoso, é natural que as pessoas gostem, só falta alguém que desperte esse interesse (...)* (RAMALHO, 2001:23) A literatura infantil desperta esse interesse na criança, faz o leitor dispor com maior liberdade a sua imaginação, entrando num mundo idealizado cheio de fantasias (*um mundo criado através do imaginário.*)

O livro infantil é uma forma de manifestação da leitura e da realidade que cada leitor faz e continuará fazendo dentro ou fora da sala de aula. E se a escola tomar essa leitura infantil como um ponto de partida, estará favorecendo ricamente o processo litúrgico, que jamais será considerado apenas como uma mera decodificação dos signos lingüísticos, como afirma a própria Machado:

(...) Como ainda não somos uma sociedade leitora, não podemos esperar que o exemplo venha de casa. Ou acabaremos condenando as futuras gerações a também não ler. A escola tem de entrar para quebrar esse ciclo vicioso, criando em seu espaço um ambiente leitor. O mestre tem de dar o exemplo e despertar a curiosidade dos jovens.
(RAMALHO, 2001:23)

Diante da modernidade o Brasil é atingido por novos ventos, na literatura busca-se novos padrões e o que ocorre é a percepção de que a realidade brasileira firma-se como grande pólo de fornecimento e elementos para uma reflexão sobre a cultura e a sociedade do país. A humanidade começa a experimentar um estado de manifestação em relação a toda a atividade realizada nos mais diferentes domínios.

Na literatura infantil nasce múltiplas tendências que adotam por modelo a ingenuidade e o sentimento dos povos, passando a retratar a crise e os problemas da sociedade contemporânea, o anseio de dependência e o desejo de renovação. Isso fica claro dentro das obras em análise, quando a autora, numa linguagem despida de artifícios, traz à cena os personagens com desejo de renovação em busca de novos conhecimentos. (...) *Só caso com quem eu quiser e quando quiser (...)* *Minha história quem faz sou eu. Posso até casar com esse príncipe. Mas só se ele e eu quisermos muito.* (MACHADO, 1978:38)

Desandou a perguntar. Não queria esquecer nada (...) reparava em tudo (...) Foi pesquisar documento. Na biblioteca, na igreja, no registro civil (...) até que descobriu. (MACHADO, 1984:06)

Nas citações acima aparecem as personagens: a princesa e o cientista, ambos saem em busca de novas experiências. No caso da princesa ela rompe com as tradições sociais da época e vai em busca do novo, pois a mesma percebe que fora do belo castelo há liberdade e expressão, algo que as princesas desconheciam. Fora do castelo ela pode estudar e conhecer o mundo.

O professor Tomas também busca em suas pesquisas novas idéias, o que estava acontecendo naquela região, pois a mesma estava em desequilíbrio. Como se vê, ambos saem em busca de novos conhecimentos. E como sabemos os caminhos do conhecimento sempre passaram pela visão do homem principalmente no mundo capitalista em que vivemos hoje, onde a ideologia dessa sociedade burguesa que oculta as relações de exploração e dominação transmitindo à população o sentimento de passividade e conformidade em relação à divisão social do trabalho e da própria desigualdade social.

A obra “História meio ao contrário”, aborda o atualíssimo tema do capitalismo que é a desigualdade social, a exploração e o desejo de “ter” características da sociedade de consumo do final do século passado. O homem de hoje deseja apenas possuir bens materiais, sempre acumulando riquezas e apoderando-se de todas as novidades que o mercado lhe oferece. Assim simula uma aparência: parece ser feliz. *Estou preocupado mas isso passa. Ainda bem que sou feliz.* (MACHADO, 1978:06)

Da mesma forma que as histórias de Machado reúnem informações sobre os mais variados assuntos, há também uma preocupação constante com a preservação da natureza. As duas obras em análise transitam no âmbito dessa natureza. Na obra “Gente, bicho, planta”, a autora nos mostra a relação entre os seres vivos e o meio ambiente, a dependência dos mesmos para sobreviverem, porque na natureza ninguém vive só, um depende do outro para formar um conjunto equilibrado. Um equilíbrio fácil de destruir, basta tirar uma das espécies para tudo desabar e segundo a obra (...) *quando um deixa de existir muitos outros vão sumir.* (MACHADO, 1984:18). Os criadores desafiam a natureza matando todos os coiotes que ali habitavam oferecendo um prêmio para quem matasse mais coiotes. *Quem trouxesse uma pele de coiote ganhava um prêmio (...) Mataram tanto coiote que no fim, não tinha mais nenhum por ali.* (MACHADO, 1984:15). Com a extinção dos coiotes a natureza ficou desprotegida, porque eram eles que controlavam a natureza, com a sua extinção houve o desequilíbrio ecológico, que acaba por gerar espécies mutantes que invadem o campo.

(...) Vieram para o banquete todos os bichinhos da vizinhança, coelho, marmota, rato. Comeram folha, flor, raiz tudo o que havia naquele mato. Quanto mais os bichos comiam, mais cresciam, mais tinham filhotes que também comiam. E acabaram virando uma praga pior que os coiotes. (MACHADO, 1984:16)

Percebemos que a natureza é genial e tem invenção para tudo e se antes a terra e os pastos eram bons e tudo ia bem, era porque os coiotes se alimentavam de todos aqueles bichinhos, sem os coiotes para controlar esses bichos, eles foram aumentando, acabaram com tudo restando apenas o prejuízo. *Os criadores ficaram desesperados (...) tiveram que desistir e agüentar o prejuízo. (MACHADO, 1984:17)*

Temos que ter consciência de que a natureza é viva. E que nela também existe a lei do mais forte contra o mais fraco, mas com uma diferença: os predadores não matam por maldade ou ambição, e sim, porque essa é a sua função na natureza. Eles mantêm as espécies em equilíbrio. Na natureza cada bichinho tem uma função, cada ser vivo tem um determinado modo de existência. Por isso, muitas vezes vemos insetos com hábitos completamente diferentes, mas que podem estar vivendo sobre a mesma planta. Como no nosso meio onde as classes sociais vivem juntas na mesma sociedade, mas com hábitos diferentes, uma depende da outra para manter o equilíbrio. O pobre depende do rico para o emprego e o rico depende da mão-de-obra do mais pobre, como o rei que usufrui do serviço prestado pela classe dominada. Nosso país depende de outros países para exportar e importar produtos e matéria-prima. Podemos comparar também com a inflação do nosso país, que várias vezes os índices anuais chegaram a 1.000%. Entre os fatores responsáveis dessa inflação tão alta estava o desequilíbrio estrutural e monetário trazendo como principal consequência a elevação dos preços.

A natureza depende dos grãosinhos de pólen que muitos animais de diferentes espécies levam para outra flor e é isso que faz a flor virar fruto, um dependente do outro e *dessa mistura, uma semente se formava. Uma nova planta nascia. O campo todo de trevos se cobria. E era o melhor pasto que havia. (MACHADO, 1984:11)*

Esta mistura pode ser relacionada com a sociedade e seus costumes, suas culturas, tais como: a dança, a música, a arte, etc.. Temos como exemplo, o índio, o garimpeiro, o estrangeiro, o camponês entre outros. Cada cultura pode ser relacionada aos grãosinhos de pólen, que dentro da sociedade se entrelaçam dando continuidade à mesma, ou seja, essa cultura é transmitida de geração a geração sempre com sua beleza e exuberância permitindo até mesmo a possibilidade de inovações culturais. Como no Brasil em que cada Estado tem

sua história, sua cultura e sua origem. Logicamente esta no mostra a existência de um país multifacial com várias culturas diferentes, por isso deve ser visto com mais dignidade nesta sociedade moderna, tornando dessa forma mais humana no sentido da reflexão dos seus próprios problemas.

Na obra “História meio ao contrário” a natureza vem representada pelo Gigante, personagem sobrenatural que corporifica o funcionamento da natureza protegendo aqueles que estão ao seu lado. Mandando o sol, que é a principal fonte de energia de toda a natureza, a noite que oferece proteção e descanso ao homem, a lua e a suas fases, que uma vez por mês passa por quatro períodos: crescente, cheia, nova e minguante. *E fica sempre assim, mudando, enchendo e esvaziando uma vez por mês, com uma luz branquela que não esquentar nada e nem ilumina muito.* (MACHADO, 1978:21). Lembramos ainda que estas fases são muito importantes para os agricultores, pois é através dessas fases, que surge a esperança da chuva ou do sol, das quais, eles tanto necessitam. E como o Gigante era amigo dos camponeses tratou logo de dar um jeito:

(...) Do meu corpo de terra tudo vai brotar. No trabalho de vocês, tudo vai continuar. E assim fizeram os planos. E o Gigante suou orvalho que evaporou para virar nuvens. E as nuvens choveram água no alto dos montes para engrossar os riachos. E as sementes que os homens plantaram viraram grama e capim, espinhos e matos, árvores e cipós. E toda essa mata produziu flores e frutos que atraíram insetos que atraíram passarinhos que atraíram passarões e animais de pêlo e de pele. (MACHADO, 1978:30).

Vimos que a natureza é a principal fonte de sobrevivência do homem, além de ser maravilhosa com seus risonhos lindos campos cheios de flores, os bosques cheios de vida. No entanto em meio a toda essa beleza surge o bicho homem que maneja forças mais poderosas do que a natureza havia pôsto a sua disposição. Aparentemente, vence as leis da gravidade e voa através dos ares converte todos os elementos da natureza (...) *o ar e a água, o calor e a terra, (...) o homem foi aproveitando para fazer tudo melhor.* (MACHADO, 1984:23), é capaz de transformar o deserto em terras férteis, gastar tudo para dominar a natureza e como afirma Lago:

(...) O homem tem no crescimento a base do seu funcionamento e se utiliza de qualquer artifício para mantê-lo. Como a natureza é a fonte de onde se retiram os recursos para alimentar essa fome de crescer, não é difícil perceber o impacto ambiental que esse modelo acarreta. E surge então a crise ecológica. (LAGO, 1984:50)

Vimos que o homem usufrui de tudo que a natureza oferece, mas se não tiver cuidado nada vai restar. *Se agente só destruir, aí mesmo é que não presta.* (MACHADO, 1984:23). Agora se o homem souber explorar a natureza sem destruí-la, estará preservando todas as espécies e garantindo recursos para gerações futuras (...) *o homem tem que proteger planta e bicho. Se não acaba tudo virando um lixo.* (MACHADO, 1984:23). Além de estar aprendendo sobre as plantas, os bichos e o seu maravilhoso equilíbrio. Uma natureza que pouca gente conhece de verdade.

Como já nos colocamos neste trabalho influenciados pelas questões políticas, sociais e ecológicas, podemos concluir que a obra mostra nas suas palavras a clara evidência da necessidade de organizar-se e rebelar-se contra as mazelas da sociedade, causadas pela exploração indiscriminada da natureza e dos menos favorecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, desenvolvemos uma reflexão crítica sobre os problemas políticos e sociais dentro das obras “História meio ao contrário” e “Gente, bicho, planta: o mundo me encanta” de Ana Maria Machado.

Dentro de um contexto político e social, buscamos a forma que a autora usa para denunciar esses problemas sociais e políticos, principalmente quando ela traz à tona o lado mesquinho do ser humano. Machado faz nessas obras uma crítica às instituições, bem como, o relacionamento humano, no qual, ela não se prende em analisar superficialmente seus personagens, mais sim profundamente, sendo capaz de investigar e revelar as formas mais sutis da vaidade e egoísmo. No fundo, suas obras são denúncias implacáveis das fraquezas humanas.

Outro aspecto a se destacar nesta análise são os quatro elementos da natureza, em que a autora enfatiza no sentido de nos conscientizarmos do quanto é importante preservar o mundo no qual vivemos.

Não diríamos que todos os sentidos dessas duas obras foram descobertos, porque a autora sabe como poucos, conduzir uma narrativa, pincelando as situações com seu humor e levando o leitor à busca de novas histórias.

O certo é que alargou nossos conhecimentos no que se refere à literatura infantil, às questões políticas e sociais ocorridas em nosso país. Lembramos ainda, que ao passo que elevamos nosso conhecimento, abriram-se também novos horizontes, novas perspectivas para realizações de outros trabalhos como este.

Gostaria de deixar claro que esta análise foi feita de acordo com o tempo disponível, e que esta ficará em aberto para que futuramente eu possa dar continuidade nesta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil gostosuras e bobices.** 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. **O direito a literatura.** In ... vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

IANNI, Octávio. **Sociologia da sociedade.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

LAGO, Antônio. PADUA, José Augusto. **O que é ecologia.** 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário.** 24. ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Gente, bicho, planta: o mundo me encanta.** 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa. **Literatura infantil: voz da criança.** São Paulo: Ática, 1998.

RAMALHO, Priscila. A literatura deve dar prazer. **Revista Nova Escola**, Rio de Janeiro, n. 145, p. 21-23, setembro. 2001.

VITA, Alvaro de. **Sociologia da sociedade brasileira.** São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Maria. **Literatura infantil brasileira. História e histórias.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

Página da W – **www.yahoo.com.br.** Brasil notícias.